Semântica e Pragmática

Leilane Ramos da Silva

São Cristóvão/SE
2011

Sumário

Aula 1

SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA:
DISCIPLINAS DO SIGNIFICADO

META
Apresentar e situar gradualmente a Semântica e a Pragmática no campo dos estudos da linguagem, a partir da análise dos domínios disciplinares dessas áreas de investigação e do estabelecimento das relações fronteiriças em que se encontram e se distanciam.

OBJETIVOS
Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar a Semântica e a Pragmática como domínios disciplinares voltados para o estudo do significado;
delinear um panorama dos principais marcos teóricos inerentes ao estudo do significado;
reconhecer em que medida, sendo disciplinas voltadas para o estudo do significado, a Semântica e a Pragmática se aproximam ou se distanciam em seus métodos.

PRÉ-REQUISITO
Para começar bem este nosso curso, que tal você visitar a pg. 16 antes de iniciar a leitura desta aula? Temos uma maravilhosa composição de Caetano Veloso e certamente a observação atenta de sua estrutura pode nos dar uma ideia do conteúdo a ser discutido por aqui.

INTRODUÇÃO

Olá!

É com muito prazer que iniciamos mais uma disciplina. Você que já teve oportunidade de ver outras tantas ligadas à área de Linguística, terá agora um momento para refletir sobre mais dois de seus campos disciplinares: Semântica e Pragmática. Dois? Sim, isso mesmo.

A disciplina que ora iniciamos terá seu foco voltado para duas áreas que se cruzam por lidarem com a questão do "significado" de maneiras diferenciadas. SIG-NI-FI-CA-DO, será que esta propriedade é inerente às palavras, nós a atribuímos conforme as mais diversas situações de uso da língua ou as palavras seriam apenas instrumentos na construção de sentidos? Seria o contexto entendido como definidor na produção do significado? Mas, o que é contexto? Bom, essas e outras questões terão espaço por aqui, ok?

Para efeito didático, nosso material está dividido em 3 (três) partes principais, a saber:

i) a primeira volta sua atenção para as noções eminentemente semânticas, destacando um pouco a história, os conceitos e objeto desse domínio disciplinar, a partir da apresentação de suas diferentes ramificações;

ii) a segunda traça um perfil dos estudos caracterizados como "pragmáticos" a partir da definição dos seus métodos de investigação e também dos seus diferentes domínios, os chamados "tipos de Pragmática";

iii) a terceira parte é dedicada à interface Semântica/Pragmática, logo, aborda fenômenos que estão ora caracterizados do âmbito de uma, ora de outra disciplina tomando a argumentação como palavra de ordem.

E aí? Estamos todos prontos?! Vamos lá!

DO ONTEM, DO HOJE: O SIGNIFICADO EM CENA

Comecemos nossa discussão ascendendo um fato curioso: tanto a Semântica quanto a Pragmática são disciplinas que vivem em busca de um espaço maior no rol dos estudos da linguagem. Ora, você poderia dizer, "mas todas as outras estão nessa mesa condição!", não é mesmo? Tudo bem, nós aceitamos essa objeção, mas insistimos no fato de que esses campos disciplinares encontraram e ainda encontram dificuldades grandes em firmar seu espaço e, já adiantamos, isso acontece, entre outras coisas, em função da própria definição de seu objeto: o significado.

Do ponto de vista teórico, a tarefa se apresenta um tanto quanto complexa, afinal, há muitas perspectivas envolvidas (de linguistas e filósofos) e isso se revela na falta de consenso quanto à caracterização desse objeto. Podemos dizer, inclusive, que há sempre uma saída simplista e comprometedora.

Quando o assunto é Semântica, esse objeto de investigação parece ser facilmente definido (como descrito na maioria dos nossos livros didáticos de língua portuguesa); no caso específico da Pragmática, costuma-se fazer uma referência à noção de contexto (extremamente ampla) e tudo fica resolvido. Não fosse apenas isso, esta última por vezes é trabalhada como nível de análise, como dimensão da linguagem e também como campo disciplinar indiscriminadamente (falaremos melhor sobre esse assunto na aula de número 06). Na realidade, tanto uma quanto outra foram deixadas à margem da Linguística durante um longo período, tendo sido bem mais consideradas sob o âmbito dos estudos filosóficos.

A propósito de remetermos, aqui, aos estudos filosóficos, convém dizermos que os antigos gregos foram pioneiros a se dedicaram ao estudo do significado. Do aspecto lógico-filosófico, interessava a esses sábios a explicação sobre a natureza e a origem da linguagem e, por extensão, o relacionamento entre as palavras e as coisas a que elas remetiam, ou seja, os seus respectivos significados. As discussões geradas dividiram esses mestres em duas correntes opostas: anomalistas e analogistas. Aqueles acreditavam que a língua era produto de uma convenção entre os homens e, portanto, era assistemática. Estes defendiam a ideia de que a língua era imitativa da natureza, originada em princípios eternos e imutáveis. Em outras palavras, era sistemática e regular.

Mesmo nesse período, o entendimento de uma relação natural entre as palavras e as coisas não contava com muitos adeptos e aos poucos essa tese tornou-se pouco sustentável, ao tempo em que a perspectiva dos anomalista roubou a cena, sobretudo com os estudos desenvolvidos no início do século XX por Saussure, para quem o significado das palavras é estabelecido de maneira arbitrária, convencional.

Para Oliveira (2008, p.16):

> Admitir-se uma relação natural entre um nome e uma coisa implicaria a negação das diferenças entre as línguas. Por exemplo, se um determinado objeto fosse chamado de porta em português por causa de uma relação natural entre a palavra porta e os objetos que essa palavra nomeia, não poderia haver palavras em outras línguas que significassem a mesma coisa. Consequentemente, palavras de outras línguas, as quais também se referem aos objetos a que a palavra porta se refere, como door (em inglês), Tür (em alemão), porte (em francês) e puerta (em espanhol), não teriam uma relação direta com os objetos a que a palavra porta se refere e, portanto, não existiriam.

Gradativamente, como frisa Marques (2003), formaram-se as linhas de discussão do tratamento da linguagem que se sacralizaram nos estudos semânticos tradicionais, a exemplo daqueles desenvolvidos nos aspectos formal e estrutural. Destacando aqui a célebre obra do mestre genebrino

Saussure, sabemos da conceituação por ele dada ao significado: o conceito que o falante/ouvinte associa à imagem acústica, caracterizada como significante, o outro elemento do signo linguístico, a que o dedicado professor voltou muito mais a sua atenção.

Antes de você começar a achar que nosso conhecido Saussure representa o primeiro nome da Linguística a lidar com o fenômeno do significado, já adiantamos que isso não é verdade. Embora ele tenha lançado as bases da nossa ciência, assunto que deve ter povoado o juízo de todos aqui nas aulas iniciais do curso de Letras, devemos ao linguista francês Michel Bréal o uso pioneiro do termo semântica e a ele devemos, igualmente, as primeiras preocupações do estudo do significado em Linguística, a partir de esforço constante de introduzir esse objeto nas discussões travadas na área, ainda no final do século XIX. Aos poucos, como "Saussure fez da teoria do signo a pedra angular de suas influentes teorias, a semântica ganhou direitos de residência na linguística europeia" (TRASK, 2004, 261).

Os linguistas americanos, por sua vez, foram pouco receptivos para o estudo do significado. Como nos lembra Trask (2004), embora Leonard Bloomfield e Edward Sapir, dois grandes nomes da linguística americana da primeira metade do século XX, não ignorassem o assunto, pouco diziam sobre ele. Na realidade, há quem que diga que Bloomfield, por exemplo, entendeu o estudo do significado como algo secundário. E, "Para a infelicidade da semântica, ele foi um teórico estruturalista muito influente nos Estados Unidos, levando muitos linguistas americanos a não se interessarem por esses estudos". (OLIVEIRA, 2008, p.25).

A partir da década de 1960, após o boom das teorias chomskianas, o estudo do significado começa a contar com mais adeptos, muitos deles americanos. Pouco conhecendo dos inúmeros trabalhos de cunho filosófico sobre o significado, cometeram alguns equívocos, mas gradativamente ganharam fôlego e passaram a ter um certo reconhecimento na Linguística. A propósito, vale destacar que as pesquisas desenvolvidas pelo filósofo Richard Montague tiveram um grande impacto neste momento, tornando-se a base de vários trabalhos importantes na semântica linguística.

Pouco a pouco, as teorias semânticas foram se assentando e fazendo nascer correntes que atualmente se constituem bases teóricas importantes para a Linguística (assunto a ser mais bem tratado na aula de número 2). Da discussão sobre os tipos de significado, um intrínseco à forma linguística e outro depreendido do relacionamento entre essa forma e a situação contextual onde é empregada, por exemplo, podemos demarcar o campo de estudos da Semântica e da Pragmática, como veremos mais adiante. Mas, é claro, essa é só uma contribuição, ok?

Para evitarmos blá-blá-blá sobre o assunto, a pergunta que não quer calar: o que é significado? Ele existe? Para Marques (2003): "Não se tem em linguística uma resposta inequívoca para a pergunta o 'o que é o significado?'. As respostas são múltiplas e divergentes. Os especialistas sequer conseguem

concordar quanto à terminologia mais usual". (MARQUES, 2003, p. 15 – 16). Para fechar esta discussão com palavras bastante consoladoras, preferimos trazer a voz de Oliveira (2008). Vejamos:

> O significado não pode ser comprovado à maneira exigida pelo cientificismo positivista. O ponto, na matemática; o ego, na psicanálise, e as supercordas, física, também não podem ser comprovados... Entretanto, o significado, o ponto, o ego e as supercordas são entidades necessárias para a teorização nas áreas de conhecimento a que pertence. Pode-se até jogar o conceito de significado fora, como já propuseram alguns teóricos diante da dificuldade de defini-lo. Só não se poderá jogar o significado fora. (OLIVEIRA, 2008, p.34)

Palavras fortes, não é mesmo? Agora, convém tratarmos um pouco das diferenças entre Semântica e Pragmática. Eis, então.

O CAMPO DE ESTUDO DA SEMÂNTICA E DA PRAGMÁTICA

Como dissemos no início da aula, a Semântica e a Pragmática lidam com o significado e este, de acordo com o que vimos há pouco, é um conceito tão difícil de definição que se desdobra em inúmeros tipos de estudos semânticos, por exemplo. Muitas vezes, os fenômenos linguísticos se constituem e se situam em fronteiras tênues, tornando-se complicado o reconhecimento de sua natureza, se se chamariam semânticos ou pragmáticos.

A distinção entre essas áreas de conhecimento deve se pautar da diversidade de níveis e processos que margeiam a análise/interpretação de uma sentença proferida pelo falante. Daí o fato de estudos como o das expressões lexicais (como "eu", "aqui", "agora"), das ambiguidades e das implicaturas serem suscitados para delimitação desse peculiar.

Sem dúvida, a questão não é simples, requer um esforço de nossa parte e, na tentativa de diminuir essas dificuldades, os linguistas têm apontado o conceito de "contexto" como aspecto importante do significado.

De modo geral, podemos dizer que o primeiro tipo de significado é inerente a uma dada expressão e dela não se desvincula. Costuma-se dizer que o estudo desse tipo é da competência da Semântica, tal qual a concebemos nos dias de hoje. Fala-se, igualmente, em um outro tipo de significado, não intrínseco à expressão linguística em si, mas inerente a um relacionamento entre essa expressão e o contexto em que é empregada. Ao campo de estudos desse viés de tratamento do significado damos o nome de Pragmática.

Antes que você nos cobre, vejamos o exemplo a seguir:

(1) Mariana é excelente aluna

Diante de uma sentença como (1), a tradução/interpretação é imediata: "Mariana é destaque em sala de aula, tira boas notas, faz as atividades escolares diariamente...". Bom, a sentença veicula por si mesma um sentido, concorda? Esse sentido lhe é intrínseco. Agora, pensemos nessa mesma sentença, como resposta, em cada um dos casos a seguir:

(Os colegas da turma de Mariana estão combinando de "matar a aula" do professor de Matemática, no último horário de uma sexta-feira, para ver o jogo do final do campeonato sergipano)

Paulo: - Será que a Mariana topa fazer isso conosco?
Eduarda: - Mariana é uma excelente aluna.

Como diz a sabedoria popular, "para bom entendedor, meia palavra basta", não é mesmo? A interpretação de "Mariana é uma excelente aluna" traduz o pensamento de Eduarda: "Mariana, sendo boa aluna, não vai concordar em trocar uma aula por um jogo". Ou seja, a mesma sentença, aplicada a esse contexto, veicula um outro sentido.

b) (*Márcia, colega de sala de Mariana, não estudou praticamente nada para a prova de Matemática, chega atrasada em sala de aula e não encontra lugar para se sentar*...)

Márcia: - Nossa, já não estudei direito e ainda não acho um lugar para me sentar".

Com a voz bem baixa, para o professor não ouvir, Pedro dispara: - Mariana é uma excelente aluna.

Observem que, neste outro uso, a frase de (1) veicula uma sugestão: "Como Mariana é uma excelente aluna, de repente, você consegue "pescar" algo da prova dela. Logo, sente perto dela".

c) (Márcia tem um amigo educado, mas que não gosta de estudar e já é repetente do 8° ano do Ensino Fundamental que se diz encalhado há um tempão. Então, resolve dar uma de cupido e procurar uma namoradinha para ele.)

Márcia: - Tadinho de meu amigo, ele é tão educado e está sozinho há tanto tempo... acho que formaria um belo par com Mariana, porque ela também é tão educada e não namora há um tempão... que tal?!
Pedro: Mariana é uma excelente aluna.

Precisamos dizer mais alguma coisa?! Neste contexto de fala, fica claro que o emprego da sentença de (1) nos traz a ideia de que o amigo de Márcia, ao menos na opinião de Pedro, não combina com Mariana, porque eles são extremamente diferentes. Ela é excelente aluna e ele é um repetente e isso pode indicar falta de preparo, de dedicação. Logo, Mariana não deve se interessar por esse tipo de estudante.

Viu? Se, no âmbito dos estudos semânticos, somos capazes de reconhecer um sentido para a sentença (1), sob o viés da Pragmática, muitos podem emergir, conforme os diferentes contextos onde é usada.

Para que não fique aqui a impressão de que só a Pragmática lida com o conceito de "contexto", chamamos a atenção para um desdobramento proposto por Sautchuk (2003):

a) contexto extralinguístico: fatores discursivos envolvidos na situação que margeia a produção de uma sentença;

b) contexto linguístico ou co-texto: diz respeito à própria estrutura aparente do texto.

Pelo que vimos com a exposição do exemplo (1), para a Semântica, esse segundo tipo de contexto, o linguístico, delimita o campo de entendimento das palavras em uma sentença. Saindo desse exemplo e pensando em algo como expresso em

> (2) "Quem gosta de manga não manga quando vê alguém se melando ao chupar uma",

podemos perceber que a palavra manga tem seu valor (gramatical, função sintática e significado) definido a partir de uma inserção num contexto frasal. No seu primeiro emprego, compreende um substantivo, objeto direto de 'gostar' e significa um tipo de fruta; na sua segunda ocorrência, trata-se de uma forma verbal, núcleo da estrutura oracional e significa rir, zombar.

No caso da Pragmática, como vimos na explicitação dos vários sentidos que o exemplo (1) pode veicular, o contexto é de natureza extralinguística, logo, recupera os diferentes valores e conhecimentos de mundo que perpassam as frases. Nesse sentido, podemos dizer, inclusive, que a definição do tipo, ou melhor, de uma variedade linguística para um debate acadêmico, por exemplo, é um valor de caráter pragmático, pois pautado na caracterização dos tipos de fala adotados, em conformidade com os enquadramentos sociodiscursivos previstos.

Dessas observações, podemos destacar uma definição geral para o tipo de estudo desenvolvido por essas disciplinas do significado, não é mesmo? Quem aqui se arrisca? Na dúvida de um silêncio, destacamos o que diz Cançado (2008) a respeito:

> A semântica pode ser pensada como a explicação de certos aspectos da interpretação que dependem exclusivamente do sistema da língua e não de como as pessoas a colocam em uso; em outros termos, podemos dizer que a semântica lida com a interpretação das expressões linguísticas, com o que permanece constante quando uma certa expressão é proferida.
> (...)
> A pragmática estuda os usos variados da língua e lida com certos tipos de efeitos intencionais. (CANÇADO, 2008, p. 18)

Evidentemente, a linha divisória entre o estatuto da Semântica e da Pragmática ainda é, como afirma Moura (2007), uma questão em aberto. No seu entendimento, devemos "reservar para o pragmático o estudo dos conteúdos informativos e inferenciais que dependam estritamente da intenção do falante, ou seja, que envolvam uma suposição sobre o que está representado na mente do falante" (MOURA, 2007, pg.1).

Bom, a discussão é longa e requer de nós muitas e muitas reflexões, mas a apresentação da área aqui destacada já nos aponta, ao menos de modo geral, o campo de estudos de cada uma das disciplinas, não é mesmo? Ao longo de nossas aulas, teremos a oportunidade de realçar alguns conceitos e categorias estudadas por cada uma delas, ok?

CONCLUSÃO

Do que expomos na aula de hoje, reforçamos a ideia de que a Semântica e a Pragmática são voltadas para o estudo do significado e, em sendo este um conceito marcado por controvérsias e, igualmente, por uma certa negligência na área de estudos linguísticos, torna-se compreensível o fato de estas disciplinas ainda serem marginalizadas e de figurarem de modo superficial nos livros e compêndios escolares que tentam defini-las. Como o saber científico não cessa, temos igualmente a constatação de que esses maravilhosos domínios de estudos têm ganhado, cada vez com mais notoriedade, espaços nas investigações linguísticas.

A propósito, só o fato de já constarem como disciplinas obrigatórias nos currículos dos Cursos de Letras (quando muito, apareciam nos Programas de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado) indica que há avanços. Na UFS, por exemplo, a disciplina "Semântica e Pragmática" foi ministrada pela primeira vez no semestre 2008.2, no Campus Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana, exatamente porque a primeira matriz curricular deste centro data de 2006...

No mais, esperamos que todos tenham grande sucesso no curso das discussões aqui empreendidas. Boa sorte!!!

RESUMO

Na aula de hoje, apresentamos, grosso modo, o campo de visão da Semântica e da Pragmática, destacando em que medida são caracterizadas como ligadas ao trato com o significado, cujo estudo esteve por muito tempo sob a responsabilidade de filósofos e não de linguistas, sobretudo depois dos trabalhos desenvolvidos por Michel Bréal e pelo próprio Saussure, quando da proposição da teoria do signo linguístico. Na sequência, chamamos a atenção para as peculiaridades que traçam a linha divisória entre uma e outra áreas do conhecimento: i) o sentido inseparável e inerente a uma expressão linguística como da competência dos estudos semânticos; ii) a inserção da noção de contexto, comumente associado ao âmbito da Pragmática, normalmente considerado por validar diferentes sentidos para as sentenças expressas pelo falante. Na oportunidade, trouxemos uma distinção feita por Sautchuk (2003), para quem é possível falar na existência de dois tipos de contexto: i) um contexto linguístico (ou co-texto), que opera como regulador dos estudos semânticos; e ii) um contexto extralinguístico, que opera como regulador dos valores pragmáticos a serem identificados nas diversas situações de ocorrência frasal. Por fim, destacamos o fato de, apesar de ainda representarem áreas marginalizadas, tanto a Semântica quanto a Pragmática virem ganhando seu "lugar ao sol", a partir do realce à ideia de que já passam a integrar os currículos de graduação em Letras no país, inclusive no âmbito da UFS, em que foram tratadas como disciplinas apenas a partir do semestre 2008.2.

ATIVIDADES

Como o nosso curso está apenas começando, neste espaço, reservamos a você apenas uma questãozinha:

1. A Semântica e a Pragmática são campos disciplinares envolvidos com a problemática do significado. Estabeleça a diferença entre esses campos a partir de exemplos.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

R= "Que pergunta boba!!!" Imaginamos ser esta a fala de muitos aqui, mas é isso mesmo. Devagar, devagar, devagar... Mas, vamos ao que interessa: depois da leitura, é previsível que você destaque o fato de a Semântica lidar com um tipo de significado, aquele inseparável e ligado à forma linguística que o contém e de a Pragmática trabalhar com um segundo tipo de significado, aquele que pode ser depreendido a partir do contexto de uso das formas linguísticas. São esperados, aqui, exemplos que traduzam essa realidade.

Língua
Caetano Veloso

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
"Minha pátria é minha língua"
Fala Mangueira! Fala!
Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos imperialistas!
Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate
E – xeque-mate – explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Lobo do lobo do lobo do homem
Adoro nomes
Nomes em ã
De coisas como rã e ímã
Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã
Nomes de nomes
Como Scarlet Moon de Chevalier, Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé e Maria da Fé

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível filosofar em alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo

E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo
A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho mátria
E quero frátria
Poesia concreta, prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
(– Será que ele está no Pão de Açúcar?
– Tá craude brô
– Você e tu
– Lhe amo
– Qué queu te faço, nego?
– Bote ligeiro!
– Ma'de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!
– Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais pareces um espantalho!
– I like to spend some time in Mozambique
– Arigatô, arigatô!)
Nós canto-falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem.

E aí? Já ouviu esta música? Observou atentamente como as palavras "significam" nesta composição?
Percebeu que a própria palavra 'língua', já no início, aparece com dois sentidos (como órgão da boca e como idioma)?
Ou as duas ocorrências têm o mesmo significado? Bom, é possível, afinal, o compositor pode querer chamar a atenção para uma aproximação das 'línguas'(idiomas) faladas em Brasil e Portugal, não acha?
Ah, e a relação com os verbos 'ter' e 'estar', que isso diz a você?
Nossa, são tantos jogos linguísticos (com nomes de poetas, pluralização de substantivo próprio com a consequente mudança de categoria, como acontece em 'portugais', metáforas, metonímias... sentidos não literais...) não é mesmo?
Que significados as palavras apresentam? Será que seriam apenas aqueles ditos 'literais'? A propósito, será que as palavras são mesmo portadoras de um significado literal?
Ufa! Muita coisa em tão pouco tempo... Calma, teremos muito o que conversar daqui para frente. Boa leitura!

Vale a pena ler...

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Semântica, filosofia e linguística. In: **Manual de semântica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 13 – 34.

PRÓXIMA AULA

Alguém advinha o foco da nossa próxima discussão? Muito cedo para esse tipo de inferência, não é? Dessa vez passa, afinal, estamos só iniciando o curso... Pois bem, trataremos de algumas correntes semânticas que se consagraram (e se consagram) em Linguística. Até lá!

REFERÊNCIAS

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2 ed. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2008.

MARQUES, Maria Helena Duarte Marques. **Iniciação à semântica**. 6 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

MOURA, Heronides. Pragmática: uma entrevista com Heronides Moura. **REVEL**. v. 5, n. 8, 2007, p. 1 – 13.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 20008.

SAUTCHUK, Inez. **A produção dialógica do texto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. (Tradução: Rodolfo Ilari; Revisão técnica: Ingedore Villaça Koch e Thaïs Cristófaro Silva). São Paulo: Contexto, 2004.